

Não tem como

SABER O MÍNIMO PARA NÃO SER IDIOTA

O desafio de quem ensina: o aluno que deseja ensinar ao professor

Prof. Me. Cídio Lopes de Almeida

*Doutorando em Ciências da Educação
Faculdade Unida de Vitória
Bolsista FAPES
amf3.com.br*

A crônica almeja esboçar uma cena geral sobre o desafio da atividade do professor em contraste com a cultura na qual a dinâmica do consumo irrefletido é o contexto em que estamos imersos. O título é uma provocação a partir de algo icônico desta moda do consumo rápido que é a figura do ideólogo de extrema-direita brasileiro (Olavo de Carvalho). E que venceu o imaginário intelectual dos seus seguidores que era possível “saber o mínimo” para não ser um idiota. E claro, de posse deste mínimo se colocar contra o máximo sobre qualquer domínio. Com isto, em especial pessoas ressentidas, encontram o atalho perfeito para lutarem com todos e todas. Sendo os professores de filosofia profissionais um destes alvos objetos de perseguição.

O Aluno torna-se mestre do Professor

Para quem é professor de profissão, não algum tipo de explicador virtual, o desafio do exercício profissional consiste no seguinte movimento. Você que é profissional e está em contínua aquisição e maturação do conteúdo que ensina, deverá sempre recepcionar o aluno que está em estágio inicial. Inicialmente isto parece tranquilo e muito oportuno, pois sempre poderá oferecer o melhor para quem está começando. Contudo, esta realidade pedagógica e epistemológica ganhou outra feição em nossos dias.

Algo importante a ser dito de partida. O professor é um profissional, pode variar os métodos, mas foi alguém que fez uma formação de um mínimo de 2800 horas de aulas, considerando o Brasil. Ele não fez um curso no sentido do *youtube*, algo promovido por uma pessoa e composto de miseráveis 20 horas de vídeos pré-gravados. Ser um profissional é se submeter num dado processo de formação profissional. Olavo de Carvalho, o ideólogo da extrema direita brasileira, desistiu da escola na 6ª série, portanto ele não é um professor (muito menos filósofo), mas um propagador/difusor de ideologia.

Esta repetição do já sabido, em dado momento cansa por si, ainda que é sempre prazeroso introduzir a juventude aos temas universais da humanidade e que são organizados na forma da Filosofia Ocidental. Antes que um “sabidão” de nossos dias recorra ao bordão, “mas é preciso se modernizar”, sem nunca ter se dedicado às ciências da educação, devemos lembrar que uma operação matemática é a mesma desde os anos 60 até nossos dias. Platão e Aristóteles continuam atuais para o pensamento. Realidade que embaralha a mente do não especialista, pois nem tudo flui, nem tudo é novidade que preciso comprar rapidamente. Existem várias coisas que se mantêm na história humana, uma delas é que não nascemos sabendo sobre o mundo, ainda que temos disposições que nascemos com elas. Logo, não há uma geração de superdotados surgindo, mas apenas de pais que projetam sobre os filhos os seus fracassos de compras e aquisições. Dando até a aparência que “superprotegem” seus filhos, não sendo nada além de uma idealização egoísta projetada na criança. As crianças sempre foram graciosas, um mistério do existir humano, uma vitalidade que encanta a nós adultos. E isto não é que são gênios da sabedoria, sua dignidade e conseqüente respeito que devemos ter com elas provem desta manifestação plena da humanidade neste ser singular.

Retomando o tema do saber e não saber. Haver pessoas que não sabe parece ser algo interessante, pois de um lado você como professor tem algo a fornecer. Como professores manufaturamos como manufaturar o “capital cultural” (Bourdieu). A fórmula *coaching* perfeita! E você nem precisa gerar escassez, pois se tem algo bem difuso na cultura do consumo de nossos dias é a ideia de que você precisa se “qualificar”. Afinal, precisa fazer o “curso” do *coaching*, que custa 1 milhão, mas que agora, até o fim do dia, custa apenas 24x de 9,99 reais.

Porém a realidade fica por demais aquém desta idealidade. Em termos laborais, este desencontro gera no profissional do magistério uma série de traumas ou doenças oriundas da prática laboral. Sobretudo processos de transtornos de ansiedade.

O que acontece em nossos dias, acentuado com o acesso massivo do celular (telemovel), é que há uma manipulação em larga escala de disposições irrefletidas em nós. Dito de outro modo, a cultura do consumo centra-se em provocar nos espectadores reações irrefletidas baseadas em princípios sensoriais e afetivos. Uma boa propaganda não irá apelar para o pensamento racional reflexivo, mas para uma reação mecânica a uma dada trilha de estímulos e resposta. Levando você até o ato da compra, com parte fundamental do ritual da cultura de consumo. Tudo será pensando para facilitar o consumo sem que você precise pensar no ato que está praticando. Um ambiente com luz morna, sensação de amplidão, superfícies x, assentos y,

cores amareladas nas paredes, combinadas com um teto de tal forma. Tudo será pensado para que você não pense.

Esta cultura irrefletida e condicionada para o consumo ultrapassa a real carência que nós humanos temos. A promoção de atitudes sem que elas sejam fundadas no pensamento reflexivo é uma cultura construída intencionalmente e ideologicamente para atender ao que seja o estágio do modelo econômico capitalista denominado consumo de massa. Só para termos uma ideia de contraponto, as culturas rurais, que são caracterizadas pelo caipira pensativo, detinham uma certa margem para a reflexão. A lentidão do pensar caipira, era o momento de ponderar, contextualizar, o que se mostrava diante dos olhos. As modas da cidade eram sempre ponderadas, dialogadas e objeto de boas conversas no início da noite.

Este mundo rural tinha e tem seus limites, em partes resolvidos por uma certa cultura do conhecimento e sua íntima relação com a cidade. Ainda que a Cidade Medieval como descrita pelo historiador francês Jacques Le Goff nos pareça ser a mais propícia ao cultivo do conhecimento do que as metrópoles de nossos dias.

O conhecimento, portanto, é bem-vindo. Contudo, no consumo massivo o que está em causa não é o conhecimento, mas uma prática social que reduz a mente humana a consumir, segundo uma lógica de comprar sempre. Em especial, comprar objetos novos. Disposição que chega à relação de apreender novas coisas, como molda de resto toda a subjetividade humana em nossos dias. A falta de interesse pelo saber não é algo inerente a nós humanos, em nosso caso ela é estimulado cotidianamente. Por isto ser professor neste cenário é enfrentar esta cultura majoritária, que contraria à ideia de sopesar, refletir, meditar, pensar. O que implica tempo, dedicar tempo a algo. E se tem algo escasso é o tempo, as pessoas não tem tempo, estão sempre atrasadas e apressadas.

Nesta vida apressada, as pessoas funcionam por curto-circuito. A profissão de quem ensina lida justamente com isto. As pessoas chegam com uma “tese”, um “valor” e querem logo já concluírem. Estão fechadas às novidades. Por outro, elas só se interessam por um conteúdo que fale rápido a ela, que no geral precisa ser semelhante ao que já detém. A liberdade aqui é esta abertura para o novo, que só se mostra com a paciência, com o olhar calmo para o horizonte. Esta pressa é tirania e não tem espaço para o ser livre, para o pensamento livre, para livres pensadores. E se tem área de conhecimento prejudicada com isto tem sido a Filosofia, que para piorar tem seus fornecedores de plantão, sendo o infame Olavo de Carvalho um caso muito peculiar neste sentido. Não sendo filósofo, ocupou este lugar de modo clandestino e como tal produziu um produto pirata.

Este funcionamento no automático tem até alguns autores da neurociência que procuram investigá-lo (Panksepp). Procurando verificar qual relação haveria entre aspectos biológicos do cérebro e certas disposições de pensamento, sentimento. É um tema ainda em discussão, pois não se trata de dizer que há uma correspondência entre o biológico e o cultural em nós humanos. Mas as investigações procuram saber se dado uma dose de dopamina no cérebro, temos ideias mais coloridas. A falta de ocitocina nos faria ver tudo cinza. De todo modo, o professor encontra como desafio demover estas disposições culturais que são cultivadas de modo muito frenético e que se mostra na prática docente como o maior obstáculo de nossos dias.

O uso do instrumento celular se dá uma forma nunca vista na história dos usos de instrumentos na nossa história humana. Todos estamos nesta loucura viciante. Porém, pensar de forma pausada e reflexiva caminhar noutra direção. O problema não é simples, pois pelos meios eletrônicos podemos ter acesso a livros, artigos, vídeos, áudios, de modo milagroso. Este mesmo recurso, serve para esta cultura irrefletida.

O professor irá encontrar justamente esta realidade. Como capturar o olhar e a disposição da mente humana para uma vida diferente? Usando o mesmo instrumento de comunicação? As aulas precisam ser divertidas? E o que é esta tal diversão? Será possível conhecer o novo se na verdade queremos apenas mais do mesmo?

Esta realidade leva a questão inicial. O professor não só lida com as pessoas em estágio básico do aprendizado daquilo que ele ensina, mas com pessoas perpassadas de ideais fixas e bem assentadas em suas mentes. Elas não percebem, mas já lidam com os conteúdos como se já soubesse o essencial a reter. Esta postura está ligada ao valor ou uma tese sobre um tema.

A postura do aluno tem sido apenas recolher provas para validar a sua tese inicial. Não há abertura para o novo.

Neste sentido as pessoas reproduzem estruturas de valores que nem elas se dão conta. Faz-nos lembrar das crianças, quando na pré-adolescência em que chegam em casa falando uma palavra nova a qual não sabe o sentido dela. Os pré-conceitos, enquanto ideia geral e vaga, tornam-se a fonte sobre a qual elas elaboram os seus juízos, que neste caso pulou a etapa de elaboração propriamente do conceito. E por esta natureza são “pré-juízos”, juízos produzidos sobre bases falsas.

Por fim, este aluno que já sabe interdita a fala do professor. Ele não se contenta em possuir a sua verdade, mas deseja impor ela ao mundo. Aliás, este fenômeno hoje está alargado e todo aqueles que se colocam no lugar de formular um veredicto sobre a política nacional, sobre a realidade, já tem uma verdade a ser dita sobre os professores em geral. Já sabem algo

fulcral a ser partilhada sobre todas as Ciências Sociais e Humanas. Este filósofo ao estilo Olavo Carvalho, clandestino e pirata, vaticina algum tipo de fase ideia em que sobressai sua apreciação negativa deste campo do saber, da sua inutilidade. Da boa vida dos professores destas áreas, que nada produzem e não passam de agitadores políticos “comunistas”.

Antes falei da matemática que goza de um estatuto interessante para esta ideia do aluno que sabe. De certo modo esta ideia não se aplica a ela, que reina nas escolas básicas como sendo necessária, mesmo que você não saiba nada. A questão complexa do aluno que sabe mais que o professor se aplica às demais áreas, especialmente nas Humanidades.

Um caso emblemático é o “terraplanismo”. Eles sabem mais que toda uma tradição dos estudos em Geografia e Física.

Dentro das Humanidades parece difícil escolher qual disciplina os alunos sabe mais que o professor. Se pego a Filosofia, eles saberão que é coisa comunista, jogado no esquecimento 2600 anos de tradição de conhecimento. Se o tema for um dos assuntos das Ciências das Religiões, um campo de pesquisa com seus mais de 100 anos, não será diferente. Todos saberão com muita segurança, sem terem se dedicado um dia a tais estudos é claro, que o “livro sagrado tem as verdades” que precisamos para tudo.

O exercício da profissão de professor em Filosofia ou Ciências das Religiões (Ensino Religiosa na Escola Básica) tem sido as mais incendiárias, pois seus temas passam justamente pelo valor. São campos que estão estreitamente ligados à dimensão do sentido humano, isto é, da esfera do que é valor, daquilo que faz sentido para mim (você/nós). Ainda que em menor escala podemos notar esta vaga do “aluno que sabe mais que o professor” nas demais áreas, onde ele introduz o seu valor disfarçado de Ciências da Natureza ou Filosofia Natural (Física).

Em termos tecnológicos, podemos usar como metáfora aquele cabo que carrega a bateria do aparelho, mas que também pode ser usado para retirar ou colocar dados no mesmo. Um mesmo objeto com duplo uso. Os temas da Filosofia e das Ciências das Religiões carregam esta característica, o que os diferem das matemáticas. Se jogarmos as palavras e temas “deus”, bíblia, sexualidade, liberdade, escola, professor, alma, espírito, maçonaria, segredo, bode, etc, o circuito pega fogo. Todos têm opinião/sabedoria sobre. Sem falar de Palestina e Israel, Ucrânia e Rússia ou sobre a política no Brasil de hoje. A metáfora do cabo, portanto, é para indicar que são temas nos quais as pessoas o experimenta de alguma forma, mesmo não sendo elas profissionais do assunto, porém, quando falam do tema se colocam no lugar do especialista.

Conheço um excelente professor de Estudos Bíblicos, a título de exemplo, que está em estado sensível na interação com o público. Se dedicou por mais de 30 anos no ensino bíblico, compreende muito bem o idioma hebraico no qual parte destes livros foram redigidos. Sobre ele é só procurar no *youtube* “Tenda do Necromante”. Porém, tem que recepcionar como aluno aquele que sabe pouco da própria arte de interpretar um texto em português, mas que se comporta como já sabendo as coisas. Este é um dos campos em que o “aluno” sabidão mais pulula e que se sentem no direito de interditar o eminente acadêmico e sua larga experiência profissional de ensino sobre o tema.

Ser professor das Humanidades, portanto é viver o paradoxo em que o aluno que não sabe deseja ensinar a quem sabe e é um profissional da área.

Se fosse algo pacífico em que o aluno gentilmente discordasse do professor e na sequência mostrasse a sua sabedoria, seria interessante. Um caso raro em que ao invés de entregar um produto/serviço como profissional, você receberia um produto/serviço. Porém, a realidade é beligerante. Este sábio de nossos dias, que nada sabe, é portador de uma ampla paleta de valores e procura impor a sua tese/valor, sobretudo a quem se mostra como professor. Esta figura parece despertar nele algo intrigante. Freud dirá que o recalque, aquilo que procuramos esconder, sempre dialoga com os sinais exteriores, inicialmente de modo discreto, mas se o processo de recalque não for elaborado adequadamente, esta interação mostra-se na forma de raiva, ódio e violência.

Por todo este paradoxo, ser profissional de educação na época do Zap e do *olavismo* é insalubre. Esta crônica finaliza registrando que fica em dívida por não ter abordado sobre a Revolução Cultural na República Popular da China (1966). Para poder dialogar como foi neste contexto cultural a sublevação violenta dos jovens contra os mais velhos em geral e, sobretudo, contra os professores. Ademais, não é estranho que exista uma semelhança entre o *olavismo* e este ocorrido no contexto comunista, pois Olavo teve contato com o Partido Comunista em São Paulo dos anos 1950/60, para depois dedicar-se a astrologia. Sua atividade de ideólogo fundamentalista de extrema-direita será a partir dos fins de 1970 e 80 até os dias atuais.

Como citar:



ALMEIDA, C.L. Não tem como saber o mínimo para não ser idiota. O desafio de quem ensina: o aluno que seja ensinar o professor. São Paulo: AMF3 Escola de Filosofia. 2023. Disponível em: <https://amf3.com.br/saber-o-minimo-para-nao-ser-idiota> . Acesso em: (dd/mm/aaaa)